



O DISTINTO SOPRANO LIRICO MARIA ROSS

(Cliché da Fotografia Brazil).

Lisboa, 19 de Fevereiro de 1917

**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA**

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor—JOSÉ JOWBERT CHAVES

II SÉRIE **N.º 574**

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑA
Assinatura Trimestre, 1820 ctv.—Semestre,
2840 ctv.—Ano, 4880 ctv.

NUMERO AVULSO, 10 centavos
Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

TELEFONE 134 NORTE

Pedro Sanchis

Motores, Dinamos,
Reconstruções e reparações
de maquinaria electrica
Instalações

LISBOA Largo do Intendente, 38, 39

Trabalhos tipograficos em todos os generos
FAZEM-SE NAS OFFICINAS DA
"ILUSTRACAO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 LISBOA

TELEPH. Nº 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Oura, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

CABELOS BRANCOS



Tornam á primitiva cor da mocidade com o uso do excelente Conservador do Cabelo de Nice, o unico que se encontra á venda sem materias nocivas além de ser um belo eulopticio faz desaparecer a caspa e evita a queda do cabelo, sem deixar vestígios. — A' venda: Quintans, Rua da Prata, 194; Silva e Neves, R. da Prata, 229. — Porto: Lourenço Ferreira Dias, R. das Ffô es, 153. — Preço 600 réis; pelo correio, de um a tres frascos, mais 160.

DORES DE COSTAS



As Pilulas FOSTER para os Rins

son sem rival para combater : dores de costas e dos membros, lassidão dos mesmos, doencas e fraqueza dos rins e da hexiga e das vias urinarias, calculos, nevralgias, rheumatismo, hydropisia ; envenenamento do sangue pelo acido urico, etc.

As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as farmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes : JAMES CASSELS & C^o, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

Ribamar

O MELHOR VINHO DE MEZA

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

A. Pena L. da

Os grandes ATELIERS d'esta casa, são dirigidos pelo sr. Antonio Pena que durante 26 anos professorou na casa J. N. Correia & C.^o

ALFAIATES MERCADORES

Confecções em todos os generos

VARIADO SORTIMENTO EM FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

R. Augusta e R. de S. Nicolau, 71, 1.^o TELEFONE 3599

Henri Manuel PHOTOGRAPHO D'ARTE

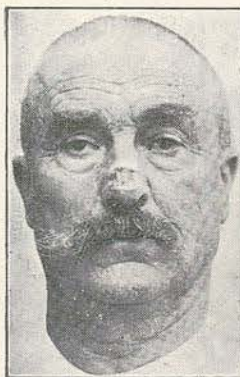
27, Rue du Faubourg Montmartre

Agencia Internacional de Reportagem

As mais importantes
colecções de retratos de altas
personalidades

Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo RADIUM do cancro (Epiteliomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides, Queloides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares, manchas de vinho. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, névrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas, metrites. Uretrites cronicas. Blenorragia e suas complicações. Manifestações terciarias da sífilis, etc.



Antes



Depois

Ralos X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevralgias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio : Rua Garrett, 61, 1.^o (Chiado) — Telefone 2.570, LISBOA

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1802
VERDADEIROS

Grãos de Saúde do Dr Franck

(Véritables Grains de Santé du Dr Franck)

Em todas as Pharmacias e Drogarias.

DEPOSITARIO :

J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA



Educação feminina

E' enaltecida na imprensa, com justa razão, a obra da Caixa de Auxilio a Estudantes Pobres do Sexo Feminino, que tem ministrado o ensino e guiado muitas meninas, e que ha poucos dias conseguiu assegurar, tanto quanto se pode prever, o futuro d'uma orfã, sua protegida. Essa orfã escolheu a carreira de actriz, fez o respectivo curso na Escola de Arte de Representar, chegou a entrar no teatro, mas achou «dissolvente» a vida da cena e novamente

recolheu á protecção da Caixa, até que veiu a casar.

Como elemento social, certamente tanto podia contribuir para o bem comum desempenhando o papel de chefe de familia como o de artista dramatica; ambos são valiosos e ambos merecem o respeito de todos, podendo representar-se conscienciosamente e honestamente. Nem são incompativeis os dois papeis: uma boa actriz pode perfeitamente ser tambem uma boa esposa, intangivel em qualquer dos casos.

A senhora de quem se trata desanimou logo que previu as primeiras escaramuças; adivinhou perigos, viu muitas victimas e supôz, provavelmente, que sem transigencias pouco dignas não poderia exercer a profissão com as vantagens a que o seu talento e o seu estudo tinham direito. Pois parece-nos que lhe faltou coragem, e faltou-lhe razão, quanto a imaginar que teria de ser fracamente escrupulosa. O que aconteceu com ela e o que acontece com todas é a prova de que a educação feminina peca ainda por um excesso de melindre, que torna encantadoras as donzelas mas não as prepara para a defesa nem para a ofensiva. Que as mulheres em chegando á maioridade soubessem tanto como os homens, seria um contrasenso; mas que tivessem uma boa parte dos conhecimentos que elles adquirem, não deixaria de ser vantajoso para ellas e para nós.

que o homem não sabe

O que o homem sabe é muito, mas o elle não saber é muitissimo, por mais que o nosso orgulho nos leve a pensar o contrario. Exemplo: como se ha-de explicar o extranho procedimento das aves perante a guerra actual?

Certo caçador, em serviço nas trincheiras francezas, tem-se entretido em observar o que fazem aqueles animaes por ocasião dos bombardeamentos, da passagem dos aeroplanos e de outras peripecias da guerra: quasi todas as aves se mostram assustadas quando os enormes aparelhos cruzam o ar e quando o canhão trôa. Algumas morrem; outras, porém, manifestam indiferença, deixando-se ficar em socego nos ninhos — e conta até o observador que um rouxinol, n'uma noite de lua cheia, quando as baterias começaram a disparar, soltou o seu lindo trinado, mais mavioso do que nunca!

Seria uma saudação ao engenho dos homens, um hino aos vencedores, um canto de magua pelos mortos? O soldado não distingue a intenção

das notas musicaes, limitando-se a registar o facto, porque é apenas curioso e não poeta nem homem de ciencia; qualquer d'estes tentaria explicações liricas ou positivas, que não seriam mais do que a confirmação de que o homem sabe realmente muito pouco...

A «piada» nacional

Manifestou-se indignação por que no parlamento se usou da palavra «miliciano» em sentido depreciativo, como se chamassemos pechisque a uma liga onde houvesse grande percentagem de ouro puro. Jornaes de politica antagonica coincideram nos comentarios, condenando a chalaça e fazendo notar que os milicianos arriscam a vida nas batalhas, como os militares de linha, não

merecendo, de modo algum, o achincalhamento seja de quem fôr quanto mais dos que tem o dever de se respeitarem a si proprios, respeitando os outros. Alguns dos ofendidos chegaram mesmo a mostrar o seu descontentamento pela imprensa, pondo em destaque os serviços que prestam, sobre aqueles que os membros do parlamento não prestam, entregando-se a digressões improprias de sempre e sobretudo da hora presente.

E', na verdade, de censurar a aparente inconsciencia dos que tão tristemente procuram ter graça; mas que nem pela cabeça lhes passou a ideia de ofensa, iamos jurar. Os chistosos parlamentares alimentam a máxima consideração pelos milicianos, mas, como todo o portuguez, aflora-lhes constantemente aos labios o dito que tem por espirituoso, a graça, a «piada», a chalaça, dando-o por bem empregado, embora de pessimo gosto, quando é premiado com a gargalhada dos ouvintes, que tambem não riem por mal. Pois não vemos aí certas sumidades politicas comprometer partidos, simpatias, a sua propria situação pessoal, pelo desejo de que lhes aplaudam uma frase humoristica?

No emtanto, prudencia e continencia na linguagem seriam para desejar.

«Heras e violetas»

Chegou-nos á mão a 3.ª edição das «Heras e violetas» de Guilherme Braga, editada pela Empreza Luzitana e prefaciada por Albino Forjaz de Sampaio, n'algumas linhas de boa prosa, dedicadas á obra e ao autor.

E' um intimo prazer para quem necessita repousar o espirito, a leitura dos versos inspiradissimos do illustre e infeliz poeta portuense, versos que parecem escritos hoje, porque a elles não presidiu o artificio mas a verdadeira arte. Envelheceu a pieguice que se confundia com o lirismo e envelheceu o satanismo que não passava de irreligiosidade postica; mas o que era sincero, nos idilios ou nos combates, ficou para sempre, como acontece ás «Heras e violetas», que preciosamente conservaremos para conforto nas horas de desanimo.

ACACIO DE PAIVA.



quando imaginava que o iam levar novamente para a noite tremenda do armario, que lhe servira de penitenciaria e degredo, viu-se instalado na sala de copa—guardado, tranquilo, arejado. Lá passou o resto da noite e o dia—e agora lá estava alumando outra vez a familia, naquela segunda noite de intimidade, apenas acolitado, pela vela que cabeceava, muito estúpida, a uma certa distancia.

Era, pois, certo. O candieiro de gaz, suspenso e apagado, já não dava luz — e era novamente ele, o candieiro de azeite, o esquecido, o velho candieiro, que substituia o seu irritante inimigo inutilizado. Como? Como fôra aquilo? Como se operára o estranho milagre? Esteve para interrogar a vela, mas desistiu logo do seu intento. De sobra sabia ele que a vela era uma idiota, toda babada em stearina, sempre a cair de sono e nunca sabia nada do que se passava. Reservou-se, pois, para melhor ocasião — e foi, quando toda a gente dormia em casa, que ele se resolveu a averiguar o misterio. Estava já descançando, como na noite antecedente, sobre a mesa das arrumações, quando, abrindo, muito á socapa, um dos bicos, olhou em redor. Ceus! O que ele viu! Na vespera, de atordoado que estava, nem dêra fé de coisa alguma. Em volta, alinhados, solenes, perfilavam-se, nada mais, nada menos, do que todos os seus colegas e companheiros de exilio. Lá estava, chamuscado e tropego, o antigo candieiro de petroleo que nunca servira para outra coisa que não fosse deitar fumo pelo nariz; lá estava, a cheirar mal da bôca, (defeito que nunca perdera) o candieiro de acetilene, pobre diabo esganado que, um dia, ha meia duzia d'anos, fôra parar, entravado, ao armario, depois de ter andado meia duzia de noites aos trambulhões pela cosinha; lá estava, com a cara esmurada e uma vidraça rachada, a lanterna do pateo e até — suprema surpresa! — a candeia-sinha pisca da provincia se revia toda em azeite, oleosa e bezuntada.

O candieiro de azeite, que era o morgado,

tomou, na qualidade de veterano, a presidencia.

— Peço a palavra — disse, lá do fundo, muito espremida, uma lamparina, que ninguém vira, agachada atraz d'uma jarra velha.

— Fôra! — declarou logo o candieiro de petroleo que fôra sempre malcreado. Isto aqui não é assembleia para lamparinas!

Desenhava-se já o tumulto. A candeia empalideceu e esteve quasi a desmaiar. Foi então que o candieiro de azeite tomou, conciliador como sempre, a iniciativa da discussão.

— Meus senhores e minhas senhoras! Companheiros e meninas! O momento não é para represalias. Lembrem-se de que os nossos inimigos, o gaz e a electricidade, nos espreitam e escutam. Eles ainda não depuzeram as armas — quero dizer os canos e os fios, segundo vi. A que devemos a nossa vitoria de hoje e o nosso (deixem-me dizer assim) o nosso 1640. Porque nos foram buscar ao armario? Porque os apagaram a eles? Senhores! Antes de mais nada, esclareçamos os factos — visto que somos candieiros.

— Eu imponho condições para dar luz. Entendo que devemos exigir que os homens nos expliquem as razões porquen os tiveram tantos anos presos sem culpa formada e agora nos foram, de repente, buscar...

— Porque precisam de nós — atalhou o acetilene, com um arroteo.

— Não apoiado! gritou a candeia.

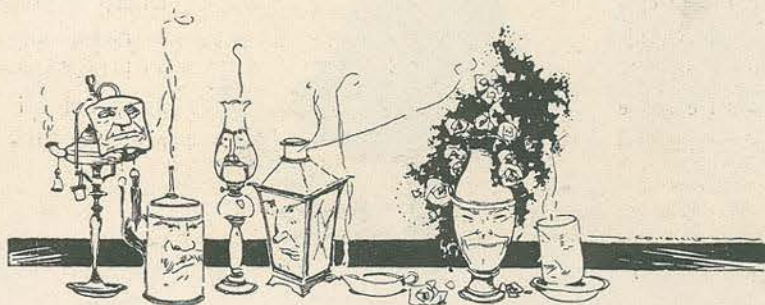
— Fôra que é germanofila! — vociferou, muito exaltado, o candieiro de petroleo.

— Germanofilo é você, seu porcalhão!

A zaragata recomeçou. Em vão, o candieiro de azeite tentou acalmar os animos. Já andavam murrões pelo ar. Não! Não havia maneira de aclarar a situação, como o veterano queria.

E, pela primeira vez, d'aquella discussão de candieiros — não nasceu a luz. Pela madrugada, apenas o candieiro de acetilene, perto da janela, assobiava o hino da Restauração.

A. de C.





Quando o velho candieiro d'azeite de tres bicos se viu empoleirado na grande mesa redonda, ao centro da sala, por pouco não desmaiou de surpresa. Olhou em torno de si e viu á roda os rostos tranquilos de toda a familia da casa. O mais velho (devia ser o patrão) usava oculos e bigodes grisalhos á rei Humberto; em frente, sentava-se, segundo todas as presumpções, a dona da casa, pou-sando os olhos claros e fatigados sobre a sua costura; uma rapariguita de dezoito ou de-zenove anos, branca, magra, narizito arreb-itado, bordava junto da mãe e, n'uma cadeira de braços, um rapazote de quinze ou dezes-seis anos lia, intrepidamente, um livro. Sobre o sofá, sua alteza o Gato dormia, de patas cruzadas e focinho cinzento reclinado sobre uma almofada de seda.

O candieiro de azeite olhava com os seus tres bicos em todas as direcções e cada vez percebia menos o que se passava. Perto, sobre uma pequena mesa mais baixa, pestane-java uma vela no seu velho castiçal do se-culo XVIII. Não, não havia mais luz na saletasinha confortavel. O candieiro de azeite sentiu sobre si toda a responsabilidade da iluminação, como nos velhos tempos da sua mocidade, ha mais de cem anos, quando no velho casarão da Beira, alumiaava os doces serões do solar. Espевitou-se. Estremeceu de orgulho no seu largo bojo, onde cabiam, á vontade, tres quartilhos de azeite; olhou des-denhosamente a vela, que piscava o olhito, a

um canto, tremula e dorminhoca, e poz-se metodicamente, como pes-soa experiente que era, a ligar e a assentar as ideias que, ha vinte e quatro horas, trazia um pouco baralhadas.

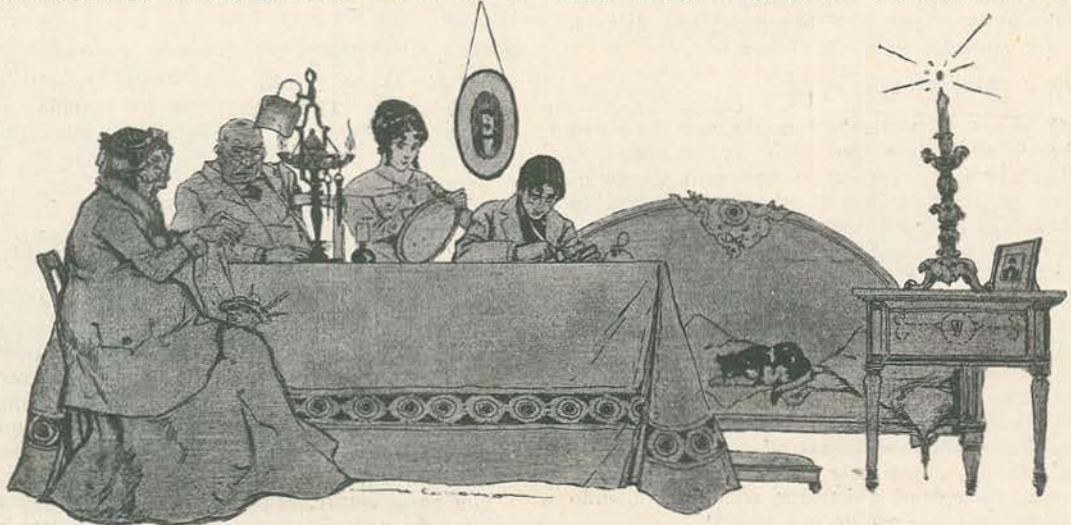
Fôra, de facto, na vespera, á tarde, que o tinham ido buscar á ultima prateleira do velho armario do quarto de arrumações, onde ha mais de trinta anos, ele curtia, no abandono e no cativoiro, a ferrugem e o reuma-tismo. Tanto tempo de presidio e de solidão tinha-o convencido da sua inutilidade. Sabia-se no lixo das coisas esquecidas e sem pres-timo e no seu ventre, outr'ora regalado e farto, apodreciam agora os ultimos esverdea-dos restos de azeite. Ele, que antigamente fôra um brinco, estava agora sujo e triste. Ninguem o limpava, nem acariciava. Imagi-nem, portanto, a emoção com que o pobre candieiro se viu, de repente, agarrado com todas as cautelas e transportado com requin-tes de meiguice para a sala de copa, onde uma creada desconhecida, sob o olhar vigi-lante da patrão, começou escrupulosamente a tratá-lo, a esfregá-lo, a polir-o com pomada e flanelas. Enxugaram-no, acearam-no com disvelos inesperados e enternecedores, pu-zeram-lhe torcidas novas nos bicos, encheram-no de azeite novo e, á noite, em charola, o desterrado viu-se aceso, brilhante, reinando novamente na sala de trabalho, cercado de exclamações comovidas:

— Que bela luz!

— Não treme nada!

— E' mais fraca que a luz do gaz, não ha duvida, mas não cança a vista!

O velho candieiro, restituído ao prestigio dos seus aureos tempos, não cabia de con-tente dentro do latão. Pulava-lhe a mécha nos bicos; o coração batia-lhe, apressado. Supoz tudo aquilo um sonho. Sentiu que, ás onze horas, o apagavam cautelosamente e,



CRONICA DE PARIS

O FRIO



Madame Michaelis, mulher de letras norueguesa, que recentemente passou uma temporada

alimenticios, que ela, ao que parece, altamente apreciou. D'um d'esses cavalheiros, cuja paixão era por certo d'aquelas que conduzem ás extremas

em Viena, contou, de regresso a Copenhague, algumas tristes coisas sobre a vida atual da grande cidade austriaca. As vienenses, segundo essa senhora, eram outrora joviaes e anafadas; hoje são magras e tão silenciosas como uma maquina de costura da melhor marca. Em Viena ha *soirées* mundanas onde nada se oferece de comer aos convidados. Para lhes evitar dôces esperanças depressa desiludidas seria talvez melhor suprimir as *soirées*... No concerto da celebre cantora Emmy Aolms, realizado ha pouco, não houve flôres. Os admiradores da *diva* ofereceram-lhe, elegantemente empacotados, alguns pãesinhos frescos e outros generos

loucuras, Emma recebeu dois oitavos d'um kilo de manteiga para reunir os quaes ele se privara d'esse genero, bem como de qualquer outra especie de gordura, durante um mez. A par d'isso, segundo contam os telegramas, o termometro marca em Viena 20 graus abaixo de zero.

Lêr essas novas é uma consolação, de tal modo é coisa assente que o mal dos outros, sobretudo quando esses outros são nossos inimigos, consola o nosso mal. Este ultimo é de resto, manda a verdade que se diga, sensivelmente menor. Aqui a manteiga é cara, mas nós temos manteiga; o assucar é raro mas existe. Apenas, um ministro socialis-





ta, querendo, uma vez no poder, realizar essa igualdade que é um dos princípios fundamentais do seu partido, nos deixou a todos sem carvão.

Por desgraça, este é o mais rigoroso dos invernos que os parisienses têm sofrido de ha uns poucos d'anos para cá. O termometro marca 10.º abaixo de zero; o Sena está gelado; as pobres gentes tiritam, e as que não são pobres tiritam tambem. Arranjar carvão ou lenha é um problema; encontrar o meio de transportar uma ou outra coisa é uma esperança que conduz ás mais amargas decepções. E ha

dias, no Teddy, um chá da moda, eu pude ouvir, entre um par de namorados, este dialogo dito com o terno acento e o languido olhar com que se dizem as confissões d'amôr:

ELE (*recemchegado, esbaforido, ofegante e radiante*) — Ha muito tempo que me esperava?

ELA (*benevola, mostrando ape-*

nas uma pontasinha de despeito) — Não ha muito. Eu propria cheguei tarde. Mas confesso que começava já a estar inquieta.

ELE — Deveras? Pois vou provar-lhe que a não esqueci.

ELA (*coquette*) — Hum! Duvido.

ELE — Desde hontem que corro por sua causa. E posso enfim fazer-lhe uma surpresa.

ELA — O que é?

ELE — Adivinhe!

ELA — Como posso eu adivinhar? E' alguma coisa de *toilette*?

ELE — Oh! não. Melhor!

ELA — De comer?

ELE — Melhor! Melhor!

ELA (*depois de procurar em vão*) — Então não sei.

ELE (*triumfante*) — Cento e cincoenta kilos d'antracite postos em sua casa, amanhã de manhã!

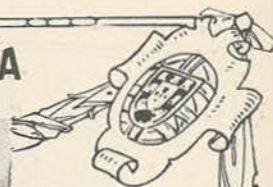
ELA (*surpresa, radiante, n'um dôce abandono de ternura*) — «Que vous êtes gentil»!

Paris, 30 de Janeiro.

Paulo Osorio.



TROPAS PORTUGUEZAS EM FRANÇA



Condução de solpedes para bordo dos transportes, em Alcântara.

NÃO podiam ser acolhidas com mais vivo interesse por todo o paiz as paginas da *Ilustração Portuguesa*, em que começamos a reproduzir o embarque das nossas tropas para França. Partiu o primeiro troço e outros continuam a seguir pelo mesmo caminho do dever, sem desfalecimentos nem hesitações, imprimindo este constante movimento militar á nossa pacifica vida de tantos anos um aspeto extraordinariamente animado e buliçoso.

Estamos debaixo de uma forte tensão nervosa. Chega a parecer impossivel como este nosso meio, apatico, indiferente, desinteressado de muitas questões que agitam profundamente os outros povos, despertou, impaciente e nervoso, ao entrarmos de facto na guerra. Comboios que se cruzam cheios de tropas por todas



Condução de mais solpedes

as linhas, companhias de expedicionarios que atravessam as ruas, navios que em ram para os transportar e comboiar, carros cheios de viverese de roupas, as mil e uma

coisas necessarias a uma expedição d'esta natureza, prendem, absorvem to-

da a
atenção
do nosso
povo.

Nunca houve pela leitura das leis, regulamentos e avisos, respeitantes ás nossas obrigações para com a fazenda e para com a justiça, o cuidado extremo que ha hoje por tudo o que dimana do poder militar. Decretos, noticias nos jornaes, avisos pregados pelas paredes,



!! Conversando sobre o embarque

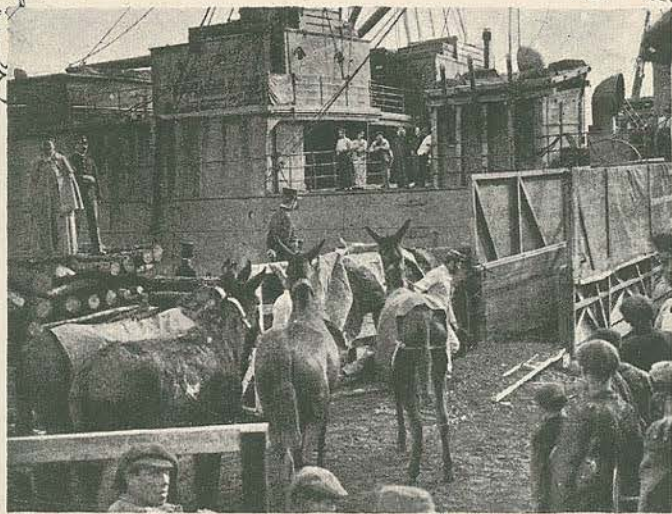
convocações de varias especies e feitas por varios meios, de tudo se toma conhecimento meticoloso, tudo se decora e se transmite aos que por ventura ainda o não tenham lido.



O rebocador *Josefina* conduzindo oficiais e praças para os transportes

curam-se com avidez e por todo o preço, alcançam-se com o alvoroço de quem obtém uma fortuna inesperada.

Por isso os dois números anteriores da *Ilustração Portuguesa* tiveram o vivo acolhimento que terá certamente este e os seguintes. Faremos o possível porque ela seja o repositório mais completo da documentação fotografica da nossa entrada na guerra.



2. Entrada de solspedes para um dos transportes.—3. Aguardando o momento de embarque.

Calcule-se o que não será este interesse quando se trata de parente, de amigo e até de simples conhecido que parte. Como embarcariam eles, que tal seria a viagem, como estarão em França e o que lhes terá acontecido na linha de fogo?

Duas linhas a esse respeito, uma fotografia, um desenho ligeiro que seja, pro-





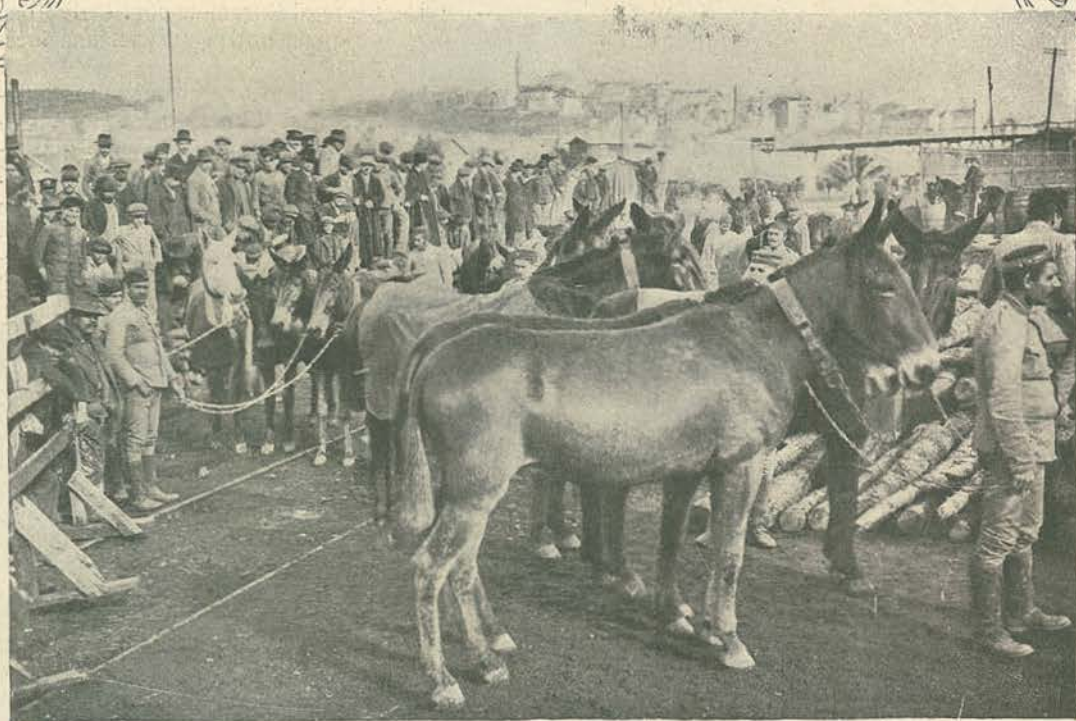
O rebocador *Formosa* conduzindo pão e carne para bordo dos transportes



Gado de cavalaria e da ambulancia de saude entrando para um transporte



Soldados de cavalaria passando em Alcantara



Povo assistindo ao embarque de solpedes

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.*

Director: ACHICO DE PAIVA



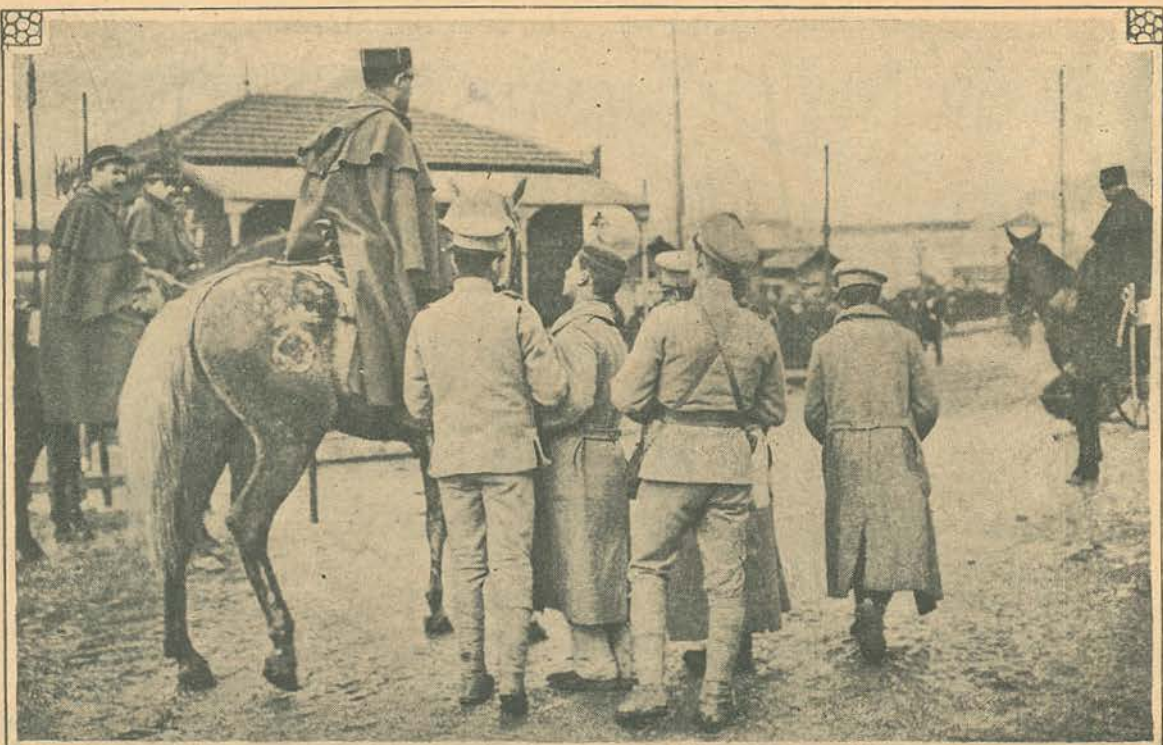
Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTE

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

A proibição do Carnaval



Os aliados:
— Para divertimento basta-nos este ché-ché!



Aproveitando uma licença.—Soldados vindos da provincia pedindo indicações à guarda republicana.



No posto de desinfeção.—Embarque de colchões para bordo de um dos transportes Ingliezes

(Publicação autorisada por s. ex.º o ministro da guerra).

(Clichés Benoffel).

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

O casamento

Meninas e meninos:

Exigencias da natureza e da sociedade farão que um dia contraiam as obrigações matrimoniaes, pelo que se torna necessário que ingressem no casamento com algumas luzes sobre o assunto; a ignorancia, n'essas circunstancias, pode ser de consequencias deploraveis.

Todo o casamento é constituido por dois elementos, um masculino, outro feminino, o primeiro dos quais se denomina *marido* e o segundo *esposa*. Outros que por vezes apparecem não são indispensaveis.

As propriedades que devem concorrer n'esses elementos, para que a sua combinacão se realice facilmente não são todas as que a fisica nos apresenta para a generalidade dos corpos; assim,



por exemplo, a impenetrabilidade seria, n'um d'elles, um requisito que dificultaria muitissimo a operação.

Quem se propuzer a marido ou a esposa deve cuidadosamente examinar se a fim de saber se possui as qualidades exigidas, isto é, se está apto para o matrimonio. Deve o homem ter já longa experiencia de mulheres, para, em comparação, saber que a que escolhe é superior ás outras; deve ter dado provas de paciencia, a fim de suportar a consorte; ter-se certificado de que não sonha alto, para não dizer, a dormir, alguma verdade, que convem que a mulher não conheça; contar que vai gastar mais dinheiro no superfluo do que no necessário; saber onde mora a modista mais barata; ser amigo do medico da futura esposa, para que não recite a esta ares de campo ou de praias, quando ella se queixar no verão...

Quanto á candidata a esposa será conveniente que se ponha mal com a mãe uns mezes antes de se casar; que prefira, a todos os divertimentos, o jogo do sisudo; que se dispunha a andar por casa tão adornada, diante do ma-

EM FOCO



Lopes Fidalgo

Adeus, bisnaga mal cheirosa e arteira,
Penacho arremessado da janela,
Adeus, bexiga, cacos de panela,
Adeus, dança da luta, bebedeira!

Adeus, rabos pegados na trazeira,
Adeus, ó pastorinha suja e bela,
Adeus, torpe cegada da vida,
Adeus, carnavalesca brincadeira!

Adeus, fina careta de veludo,
Adeus, ó tango e estonteante valsa,
Adeus, ó setas de minar canudol

Adeus, voz de falsete, rouca e falsa,
Serpentinas, "confetti", adeus Entrudo,
Adeus, Lopes Fidalgo—adeus, ó salsa!

BELMIRO.

rido, como se adornaria para apparecer a estranhos; que, se lhe ensinaram piano, se esqueça completamente d'essa prenda; que não leve na sua bagagem de noiva os livros que leu em solteira; que não faça versos...

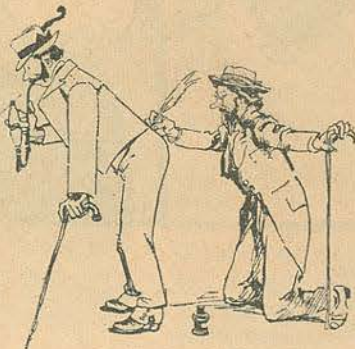
Meninas e meninos: muito mais teria para lhes dizer acerca do casamento, para que n'ele venham a encontrar a felicidade de que são dignos, mas vejo pelos sorrisos com que teem acompanhado esta substanciosa conferencia, que estou deitando perolas a hipopotamos—pelo que ponho ponto e desejo a todos um carnaval muito feliz, na companhia de suas ex.^{mas} familias. Tenho dito.

Bonaparte

(Aluno do Ilceu Cambes.

Fatos de papel

Na Austria, ao que diz um telegrama da Suissa, a falta de tecidos é tal que



brevemente se vão usar fatos de papel, havendo-se já procedido a experiencias que deram excellent resultado.

E' inutil encarecer as vantagens do novo sistema, que mais dia menos dia

terá tambem de ser adotado entre nós, visto que temos de sofrer todas as consequencias da guerra.

Eu proposito seria bom que d'esta vez o governo não deixasse para tarde, como costuma, a regulamentação respétiva. Se quizer, nós proprios nos encarregamos da redacção do decreto.

Artigo 1.º—Os fatos para homem, senhora e criança, serão de futuro, de papel.

Art. 2.º—As mulheres bonitas usarão, de preferencia, papel de seda, o mais transparente possivel.

Art. 3.º—Os homens, usarão em geral, papel de embrulho.

Notar-se-ha que dando-se tão larga applicação ao papel, ele virá a faltar para outros usos, como, por exemplo, para a fabricacão de periodicos. Tal inconveniente não existirá, porém, aproveitando devidamente os fatos: assim, os jornaes podem ser a vestimenta de cada um, publicacões ambulantes que todos poderão ler na rua, mediante um ou dois centavos.

Está-se já a ver em que sitio ha de vir o artigo de fundo...

Semana tragica

Mas que terrivel sarilho
Houve a semana passada!
Se não é o Carlos Trilho
Saber tão pouco de espada,
O Galhardo, rico filho!
Tinha a vida terminada!

E se não é o Galhardo
Ser tão fraquinho á pistola
Que é capaz de errar um fardo
Mesmo ao pé, adeus viola!
Carlos Trilho, o felizardo,
Estava agora sem tola!

O que é certo, o que é verdade
E' que a coisa esteve torta,
E, se, por felicidade,
Prontamente não aborta,
Que desgraça na cidade!
Que cheirete a carne morta!

Imaginem que flagelo!
Até o nosso Herculanoo
Que é tão manso, tão singelo,
Armou em fero e tirano
E quiz bater-se em dueto
Sendo o negocio do mano!

Salta após o Derouet,
Ruge em seguida o Barbosa,
O Gregorio não-sei-quê...
Uma coisa pavorosa,
Um pavoroso banzé,
Ondas de sangue e de prosa!

Finalmente, ao que se diz,
Um caso tão tremebundo
Por uma frase infeliz,
Inexpressiva no fundo,
Que que pouco, por um triz
Não acaba o proprio mundo!

Gritam todos que é preciso,
Por ser a crise geral,
Poupar tudo, até o riso
Nos dias de Carnaval,
E eu digo que a do juizo
E' a crise principal...

Maluquinho de Arroios.

PALESTRA AMENA

Títulos de jornaes

Tinhamos de ha muito preparada para este numero do *Século Cômico*, visto ser o do Carnaval, uma palestra engraçadissima, de obrigar a rir os mais sisudos; chegou a estar composta, chegou a estar impressa, mas a proibição dos folguedos carnavalescos, um dos quais, se não o principal, seria a leitura da dita palestra, veiu surpreender-nos, obrigando-nos, por obediência ás ordens superiores, a substitui-la por outra tanto quanto possível em harmonia com os desejos da empatoradora autoridade, isto é, tanto quanto possível triste. Ocorreu nos o publicar aqui a lista dos falecimentos da semana, uma ata de qualquer sessão das academias scientificas, um trecho do *Diario do Governo*, qualquer coisa funebre, emfim. A essas locubrações e indecisões nos entregavamos, quando a noticia de que está para se fundar um novo jornal com o titulo de *A Manhã* nos assaltou e com elaste raciocinio luminoso:—O titulo dos jornais! Ora aqui está um assunto incolor, inodoro e insipido, conforme se requer. E então começámos. Que diabo deve significar o titulo de um jornal? Naturalmente qualquer coisa em harmonia com o texto do mesmo jornal, que lhe defina a indole, a politica, a intenção, a razão de existir...

E passando em revista os nossos conhecidos, poucos encontramos cujos titulos tenham qualquer significação inteligente—a não ser que a tenham não inteligente que exceda a nossa modesta compreensão. *A Manhã*, como o *Dia*, a *Noite*, a *Tarde*, não passam de innocentes designações a que não devemos ligar importancia de maior; querem, acaso, dizer que no texto se encontram as noticias relativas a esses periodos de tempo? Não, evidentemente. Antecedendo essas designações das palavras *Correio*, *Diario* ou *Folha* *Correio da Tarde*, *Diar* ou *da Manhã*, *Folha da Noite*, etc.—não ficamos mais adiantados. E' verdade que, por exemplo, a *Luta* pretende representar a ideia que a impulsiona; o falecido *Intransigente* queria dizer qualquer coisa... Mas essas e outras excções confirmam a regra, que é a do titulo ter tanto com o texto como as calças com uma certa parte do corpo que não nomearemos em virtude das considerações acima expostas.

A bem dizer, onde a coerencia nos apparece mais palpavel é na provincia; o bom senso provinciano manifesta-se nisto o como em tantas outras coisas, muito superior ao da capital. O *Farol de Cheira-Ventos* é evidentemente uma denominação significativa, como o *Campeão de Chão-de-Moças*, a *Trombeta de Mata-cães* e outros periodicos igualmente defensores dos interesses das povoações onde vêem a luz. E' na provincia, pois, que as nossas empresas tem de procurar inspiração para o batismo das gazetas que fundam e não julguem que os titulos sejam de somenos importancia para as publicações; se muitas tem tido vida efemera

ou se arrastam pensosamente é talvez porque os padrinhos não lhes souberam escolher o nome apropriado.

Dito isto, esperemos pela quaresma para que nos seja permitida a chalaça.

J. NEUTRAL.

Proibição

O nosso bronzeo amigo José Estevam Coelho de Magalhães, afamada estatua do largo das Côrtes, costuma avistar-se varias vezes com os nossos parlamentares, a fim de lhes dar os conselhos que a sua longa experiencia lhe sugere e de mostrar o seu agrado ou desagrado pelo procedimento do governo.

Hontem esteve ele em casa do sr. Antonio José d'Almeida, a quem felicitou calorosamente, n'estes termos:



—Parabens, caro colega! Estou contentissimo com você!

O sr. presidente passou os dedos pelos cabelos ondedados e disse:

—O' quão ditoso me sinto! E qual a causa eficiente da vossa jubilosa afirmativa?

—A proibição do entrudo. Impunhasse a tregua na brincadeira nacional. Um ano inteiro de pagode estava, efetivamente, a pedir tres dias de seriedade. Fizeram bem os poderes publicos em decretar essa suspensão; mas...

—Mas...?

—Mas eu desejaria que a medida fôsse geral; que todos respeitassem a ordem, que durante esse periodo, ninguém, absolutamente ninguém, se entregasse a desmandos carnavalescos.

—Igual desejo me anima.

—Pois não parece.

—Não parece?

—Não. Para que a sisudez seja completa e geral é necessario...

—Necessario...

—Que o parlamento não funcione tambem nos dias de entrudo, e treguando-se a bexigar com os parceiros; bem basta o resto do ano!

Dito isto o nosso amigo retirou-se, de vizeira caída, deixando o sr. Antonio José d'Almeida absorvido, á procura dos extensos adverbios de modo com que tencionava adubar o seu mais proximo discurso patriótico-recreativo.

TEATRADAS Carta do "Jerolmo"

Zefa de um anjo:

Vanho do triato Repuvlica de acstir a uma pessa tristicema—o indital do sr. governador cevil não premitte alegrias no intruido—xamada em ferancez *Le Zèbre*, mas cu tradutor, o mê luminoso amigo Lino Ferr ira, berteu para portuguez com u nome de *Pratiola* porque *Zebre* dava vontade de rir. Ai, Zefa! nan imaginas u trabalho que eu tive para me cuncervar xuroso durante touda a pessa! ás vezes dáva-me vontade de sorrir, mas punha us olhos nu camarote da ótoridade i prantavame logo a xurar como um xafariz nan foce u diabo negro cu sr. governador cevil çoubece que eu açim transgurdia o idital!

Eu te conto a pessa. U Xabi i u Ferreira da Silva querem matar as ispouças, a Angila i a Imila de Oliveira cum disgostos, i resolvem quicidar-se em Paris cum abesinto i iscessos amurosos, dezendo ás ispouças que ce vão atirar d'un balão abaicho. As proves cinhoras toudas se arrepelam i veem a çaber caquilo du balão é um palão i resolvem da çua banda matar tamem us maridos cum desgostos: o Xabi, ubrigandu-o a pagar 16:000 francos pur uma pele i o Ferreira da Silva fazendole dôr de chifre.

Os pois cegue a trajedia pur ai alem; us maridos indoidessem i dão em ladões robando u dinheiro i as joias das ispouças; u Carlos di Oliveira, que é çôgro du Ferreira da Silva, indoidessen o tamem i julgando cu Jorge Grave tem 2 cabessas, uma di ele i oitra do Judissebus; u Xabi acage que morre infurcado n'uma baranda i quer matar u Carlos d'Oliveira atirandole



cum um livro á cabessa; infim, us orriveis crimes açucedem-se de sena para sena, cósando na pelateia uma continua impreção de terror, cunforme as inzijencias du dito indital du sr. governador cevil. Só á minha parte insupe ceis lenso!

Cum isto nan te infado mais. Isculpa eu este ano nan te mandar áquela parte cumo costumava, mas já çabes a razão.

Os pois da guerra fallaremos. Teu para cempre internamente inté ó dia de juiso.

JEROLMO, emprezario do Poullemano de Parat Rulvas.



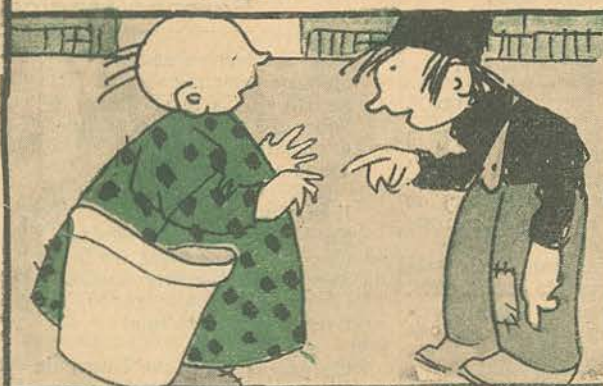
MANECAS, CAIXEIRO DE CHAPELARIA



1.—O pae do nosso Manecas
Percorreu varias lojecas
E pô-lo como caixeiro
Na loja d'um chapeleiro.



2.—O patrão manda o ladno
Entregar um chapeu fino
Ao visconde da Sardinha,
O melhor freguez que tinha.



3.—Ao passar por um Jardim
O Manecas vê o Quim
E começa a cavaqueira
Seguida de brincadeira.



4.—Entretidos na função
Não reparam que um ladrão
O chapeu vae empalmar
Pondo o d'ele em seu lugar.



5.—De chapeu novo e elegante
Põe-se ao fresco o mellante
E passado um bom bocado
Vae Manecas ao recado.



6.—Eis o bonito chapeu
Que o visconde recebeu
Indo contar em seguida
Ao chapeleiro a partida!

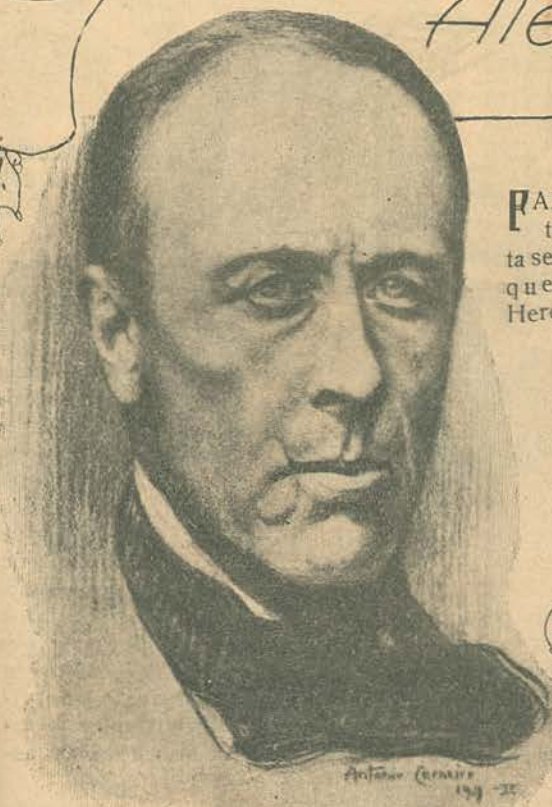
Em vista da faicatrua
Foi o Manecas p'ra rua
E apanhou do seu papá
Outra sova de alto lá!

Alexandre Herculano

PAZ na quinta-feira d'esta semana 84 anos que Alexandre

Herculano, o grande historiador portuguez, o valente soldado do exercito liberal, deixou o serviço militar entregando-se então com o maior fervor aos seus trabalhos historico-literarios, desenterrando do passado os mais solidos monumentos sobre que havia de assentar a verdadeira Historia de Portugal, que acaba de sair n'uma edição formosissima.

Não podia haver preito mais digno da me-



Alexandre Herculano



O sr. Francisco Alves O sr. Julio Martins Aillaud

moria de Herculano, nem serviço mais valioso prestado aos estudiosos e a todos os que ainda não possuem obra que deve ser tão querida a todos os portuguezes. Prestou um e outro a livraria Aillaud & Bertrand, com importantes casas em Lisboa e Paris, administradas pelo sr. Julio Monteiro Aillaud, e a livraria não menos importante no Rio de Janeiro, do sr. Francisco Alves, socio da mesma firma.

A literatura portugueza deve-lhes os mais assinalados serviços, tanto pelos primores artisticos das suas edições como pela vulgarisação das obras dos nossos principaes escriptores.

A Historia de Portugal de Alexandre Herculano aparece

em 7.^a edição, feita sobre as publicadas em vida do autor. Dirigiu-a o insigne professor sr. David Lopes. As gravuras e mapas foram executados sobre documentos autenticos debaixo da sábia direção do sr. Pedro d'Azevedo, conservador do Arquivo Nacional.



A casa de Herculano em Vale de Lobos



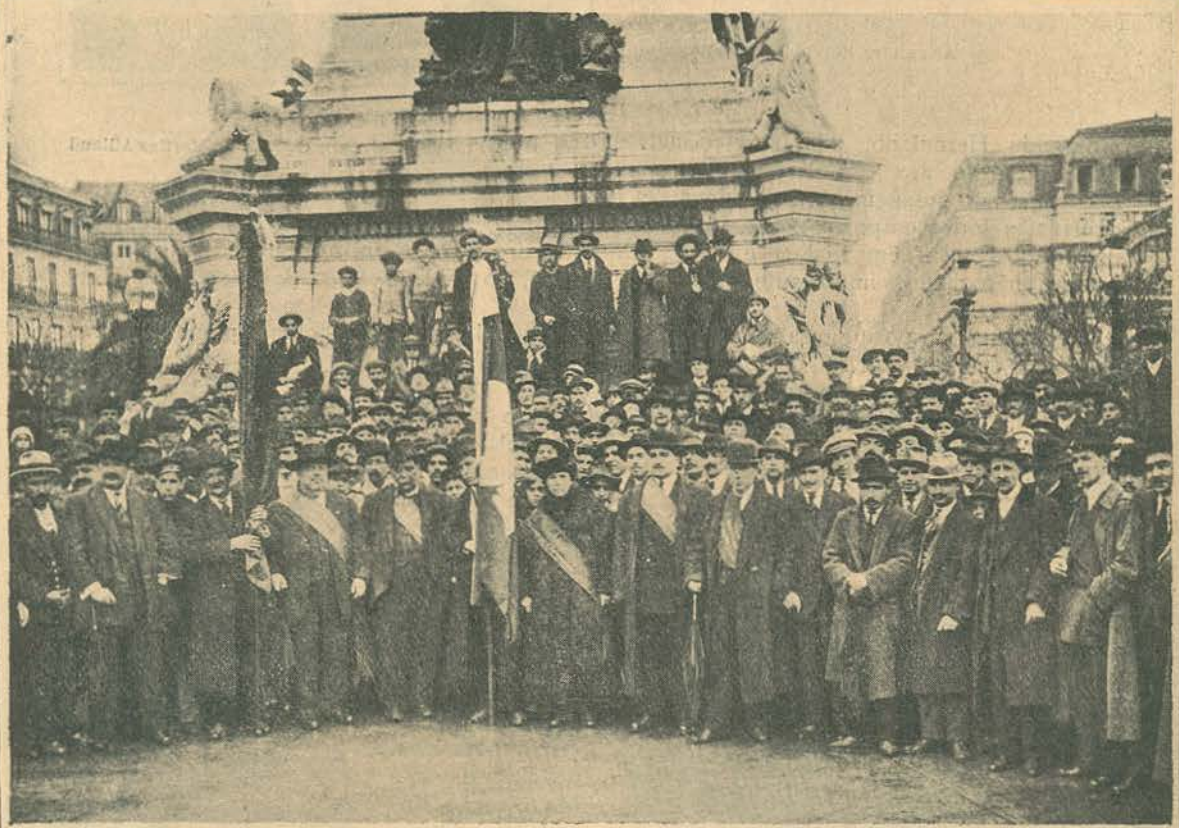
Alexandre Herculano em Vale de Lobos



Automovel de pronto socorro dos Bombeiros Voluntarios d'Ajuda.

Bombeiros voluntarios d'Ajuda. — A 2.ª secção da divisão auxiliar dos Bombeiros Voluntarios d'Ajuda, com séde na praça da Alegria, inaugurou ha dias as suas novas instalações

e o posto de saude da Cruz Verde, assistindo ao ato de deputações de varias corporações de bombeiros voluntarios e o sr. Lima Bayard, vereador do pelouro dos incendios. Houve por esse motivo uma sessão solene em que foram homenageados aquele vereador e o comandante dos bombeiros municipaes, sr. Carlos Parente. O quartel foi visitado por muitas pessoas que teceram os maiores elogios aos briosos bombeiros, que tanto trabalham em prol da humanidade e se esforçam por manter com galhardia a divisa da sua associação: *Vida por vida.*



Pelos belgas.—Um grupo de socialistas que tomaram parte na manifestação de simpatia pelo povo belga, que se realisou ha dias em Lisboa, e que foram entregar aos representantes dos paizes neutros aqui residentes mensagens pedindo a intervenção dos seus governos a favor da Belgica, martirisada pelos alemães.

(Clchés Benolle).



Otavio Augusto de Brito.—Alferes de infantaria e um dos officiaes mais illustros da sua arma, fazia parte do corpo expedicionario a Franca, onde faleceu, vitima de um desastre com uma pistola. Era filho do major sr. João de Brito Pimenta d'Almeida. O seu funeral foi uma grande demonstração de simpatia. Os officiaes Ingleses mandaram-lhe fazer uma campa, e á frente do acompanhamento, ja uma guarda de *Higglanders* (escossezes) tocando as suas galtas de foles.

Casamento elegante.—Consoiciaram-se no Porto o sr. Armenio de Castro Rebelo com a sr.^a D. Maria Elisa Guimarães Romano, filha do sr. Joaquim Pereira de Almeida Romano e da sr.^a D. Hidia Guimarães de Almeida Romano.



Aspeto do banquetê de homenagem, oferecido no Teatro Apolo Terrasse, do Porto, ao distinto escritor sr. Xavier de Carvalho. No medalhão, o sr. Xavier de Carvalho.



Écos Tristes de um Carnaval

PALTAVAM ainda dois passageiros. A «Nova Jersey», que se vira obrigada a levantar ferro mais cedo por causa de um nordeste viço que lhe ia encanado ao ancoradouro pela aberta das rochas, poz-se a bordejar defronte do porto a meio pano. O capitão mostrava-se já impaciente, quando viu aproximar-se uma balieira impelida a quatro remos possantes. Carregaram-se as velas, arrou-se a escada de bombordo, e, d'aí a minutos, a balieira atracava



docemente, em aguas mansas, ao abrigo da terra.

Houve uma curiosidade natural em ver embarcados retardatários, embora já se soubesse de quem se tratava. Uma menina de vinte e tantos anos, alta, rosto belo, mas macerado, com todos os visos de uma debilidade extrema, subia difficilmente a escada, amparada por um homem de certa idade e de aspecto respeitavel. Lembrava uma vergonça, esguia e franzina, golpeada pela axilla e prestes a tombar ao primeiro sopro.

João Furtado acompanhava sua filha unica ao Funchal, primeiro porto de escala do navio. Era uma suprema tentativa, feita por descargo de consciencia, para lhe demorar uns dias ainda a ultima fase de uma tuberculose inexoravel. Matava a interessante e desditosa menina a riqueza e o amor do pae: uma com as suas estupidas prodigalidades, o outro com as suas imperdoaveis fraquezas. A sua compleição delicada nunca conheceu um regimen inteligente e firme que a robustecesse, nem as suas tendencias para o luxo e para o prazer uma educação que as corrigisse.

Pelo ultimo carnaval, já poucos se enganavam com o mal de Lucinda, embora a sua viveza natural

de espirito, mais ou menos sustentada, disfarçasse ás vezes a decadencia acelerada do corpo. Como de costume ainda quiz mascarar-se, jogar no club e dar ás amigas o baile anual, em que excedia a loucura de todas elas. E, com a passiva condescendencia do pae, venceu a rigorosa interdição do medico. A sua ultima valsa, já sobre a madrugada, foi interrompida por uma golfada de sangue bolhoso, seguida de um desfalecimento. Nunca mais a sua pequenina boca, de cujos labios se apagara o sorriso com o rubor, deixou, com maiores ou menores intermitencias, de se abrir ao arranco das hemoptises.

Lembraram então ao pae a temperatura e o ar da Madeira como derradeiro recurso. Ele abraçou logo a idéa, e a filha deu-lhe o assentimento triste e resignado de quem não se lhe dava de ir morrer á famosa ilha.

A viagem, como se vê, não podia ser alegre. Lucinda entretinha-se alguns minutos a conversar com os passageiros, que nunca conseguiram arrancar-lhe um sorriso de esperança com as suas conversas animadoras. Do pouco tempo, que se conservava no convez, via-se a maior parte encostada á amurada, com o pae ao pé, divagando o olhar mortico pela insensidade misteriosa que ia em volta do navio.

Nos dois primeiros dias tudo correu lindamente. A «Nova Jersey», com o seu farto velame todo enfu-



nado por uma bela viração, navegava a 10 nós, sem mudar amuras, n'um mar quasi dormente. Mais 14 horas d'esta marcha uniforme e ter-se-hiam transposto as 145 milhas, a que as ultimas observações fixavam o porto do Funchal.

Os passageiros mostravam-se satisfeittissimos, não

tanto por eles, como pela pobre doente, que no segundo dia se sentiu tão animadinha que até se foi sentar á meza, á hora do jantar. O navio era, realmente, tão elegante com a sua mastreação inclinada, a sua pópa erguida, e proa bem cortante n'um angulo agudissimo, como bem equilibrado. De fraco balanço e de uma doce arfagem, dava a ilusão, que nunca se pode ter com a trepidação do vapor, de se estar em terra.

Pelas 11 horas da noite o ventorondou para no-este soprando com força. Os passageiros, já recolhidos, acordaram sobresaltados ao ruido do braccar das vergas sentindo o casco inclinar-se sobre estibordo, fortemente embatido da vaga. O medico de bordo que, só por deferencia para com

João Furtado, não opoz o seu véto ao embarque d'uma doente n'aquello estado, começou a arrepender-se de não o ter feito. Até de madrugada nunca lhe deixou o camarote, cujas anteparas rangiam a ponto de se não ouvir cá fóra o tossir constante de Lucinda.

O amanhecer não trouxe mudança de tempo. O mar continuava cavado e o vento rijo, acompanhado de chuviros. A «Nova Jersey» metera de capa com as gaweas nos terceiros e a vela da estay, fazendo cabeça ao temporal, mas, apesar das suas excellentes qualidades, não pôde manter o rumo e abateu muito para o sul. A Madeira ficava cada vez mais longe!

Terrivel situação! Cada um deixou de pensar em si para concentrar toda a sua anciedade na sorte da doente. Ao sair o medico do camarote, os passageiros avaliavam pelo sombrio do seu aspecto a aproximação vertiginosa do termo de tanto sofrer. Ao quarto dia de viagem, quando o poente aflagava o navio com feixes de uma luz suave, coada por entre cumulos n'ele já pousados indolentemente, o medico saíu com as lagrimas nos olhos e, ao mesmo tempo que a porta do camarote se abria para ele sair, deixava passar gritos de uma dôr suprema.

Lucinda tinha morrido.

A bonança anunciada na vespera pelo ocaso converteu-se quasi em calmaria. O navio com todo o pano desferrado tentava com dificuldade subir para norte. A aragem mal lhe fazia ondular as velas. Mesmo que houvesse vento de feição, não se podia ganhar a Madeira antes de trez dias. O cadaver tinha, pois, de receber sepultura nas ondas.

Esta circumstancia levava a dor de João Furtado a um paroxismo de fazer chorar a todos. Conseguiram desvia-lo

da filha que parecia serenamente adormecida sobre uma meza comprida, improvisada em eça com o mais apropriado que se podia encontrar a bordo, indo-se até desencatar a um oratorio umas perpetuas e umas sempre-vivas, bem velhinhas, é verdade, mas que, espalhadas sobre o vestido preto da morta, pareciam adquirir no meio do mar e sob o imperio

de uma grande união religiosa, o viço e a graça da primavera.

Afastado o pae, que beijou pela ultima vez a filha com indizível afflicção, envolveram o cadaver n'um amplo lençol de linho e meteram-no n'um sacco de lona forte, bem cosida, com os cuidados com que o meteriam n'uma urna. Trouxeram-no depois para a coberta com uma certa solenidade

e depuzeram-no mesmo ao pé da borda do navio, amarrando-lhe duas balas de ferro aos pés. O capitão, um bom tipo de inglez, leu comovido n'um pequeno livro umas palavras de *requiem* á pobre-sinha que ia descer aos abismos do Atlantico. Ao mesmo tempo dos labios dos passageiros e da marinagem saía um murmurio dolente de oração, dominado de vez em quando pelos soluços profundos de João Furtado, que um amigo não largava do braço.

Dois marinheiros pegaram então na bandeira de bordo e, esticando-a, conservaram-na suspensa sobre o cadaver de modo que este não se via. Outros dois fizeram-no deslizar por meio de cabos, junto ao costado, como se faz descer um corpo ao fundo da cova por meio de lençoes. O corpo mirrado de Lucinda baixou assim docemente ás profundezas, sem se verem abrir as fauces d'estas para o sorver, sem se sentir o menor ruido de um baque na agua. Não se mete com mais cuidado no berço uma criança adormecida.

Por fim retirou-se a bandeira. Os circumstantes ainda olharam anciosos pela borda fóra, estremecendo ao vacuo que deante d'elles se abria para o coração de um pobre pae.

Fazia 24 horas que morrera Lucinda. O sol poente, como na vespera, parecia acariciar n'um triste adeus as aguas que lhe serviram de sepultura e no cordame da «Nova Jersey», que guinou outra vez para o norte, a brisa fresca da tarde desferia estranhas melodias de tristeza.

A. M. de F.



Ecos de toda a parte

FELICIDADE COMPLETA!

O desenho de J. Simon que *L'Illustration* publica é d'uma bem flagrante atualidade. Uma mulher do povo parisiense gosa a felicidade maxima que n'este momento pode caber na sua ambição: ela tem junto de si o seu filho *poilu* em goso de licença e teve a boa fortuna d'encontrar um sacco de carvão.

Como se sabe, os parisienses têm suportado os horrores d'uma temperatura que a grande capital não conhe-



Felicidade completa!

cia desde ha um quarto de seculo. O termometro tem descido a 15 graus abaixo de zero. E o carvão falta. Para aquecer, os parisienses vociferam contra o ex-ministro socialista mr. Marcel Sembat, homem de bom gosto, de muito talento e de fino espirito, mas a cuja imprevidencia, resultante d'uma ignorancia profunda das coisas praticas da vida, eles atribuem a falta de combustivel que tanto os faz sofrer.

*
M.^{LLE} MARTHE
DAVELLI

No papel de Babel da nova opera de *Les Quatre Journées*

sa. De Paris, o grande artista seguiu para a Inglaterra.

mr. Alfred Bruneau, na Opera-Comique de Paris, mademoiselle Davelli acaba d'alcançar um novo e bem legitimo triunfo. A voz de mademoiselle Davelli é de resto uma das mais belas que hoje é possivel admirar nos grandes teatros de canto da capital franceza.

MARGUERITTE CARRÉ

Entre as artistas parisienses que, desde o começo das hostilidades se têm consagra-

do a dar alivio a os infortunios provocados pela guerra, deve destacar-se madame Marguerite Carré. Ela foi a iniciadora da *Oeuvre du Train sanitaire et son ravitaillement* que assegurou desde os primeiros tempos o transporte de feridos desde as ambulancias da frente até aos grandes hospitaes.



Marguerite Carré, enfermeira



Giulio Tempesti.

UM GRANDE ARTISTA ITALIANO

O publico francez acaba de ter a ocasião de conhecer e aplaudir um grande ator italiano que é hoje o interprete preferido de d'Annunzio e Sem Benelli. Giulio Tempesti, que deu algumas recitas no Teatro Antoine já se apresentara com enorme successo aos publicos da America do Sul e da Suis-



Mademoiselle Marthe Davelli.

(Cliché Henri Manuel).



CARNAVA!

Afiveleri a mascara do riso
E fui-me em cata de impressões de estrudo ;
A dôze mezes de trabalho e estudo
Um dia alegre torna-se preciso.

Fingi, por horas, que perdera o siso,
Ri do Amôr, do Dever, do Bem, de tudo
E logo me tomaram por sisudo
Os que antes me supunham sem juizo.

Por isso, tendo o mundo no conceito
D'uma burlesca e tôrpe mascarada
E servo da Mentira, ao Mal sujeito,

Quiz levantar um templo á Gargalhada,
Mas já vacila, efemero, imperfeito,
Em terreno de lama, cinza e nada!

Acacio de Paiva.

STVARA
97

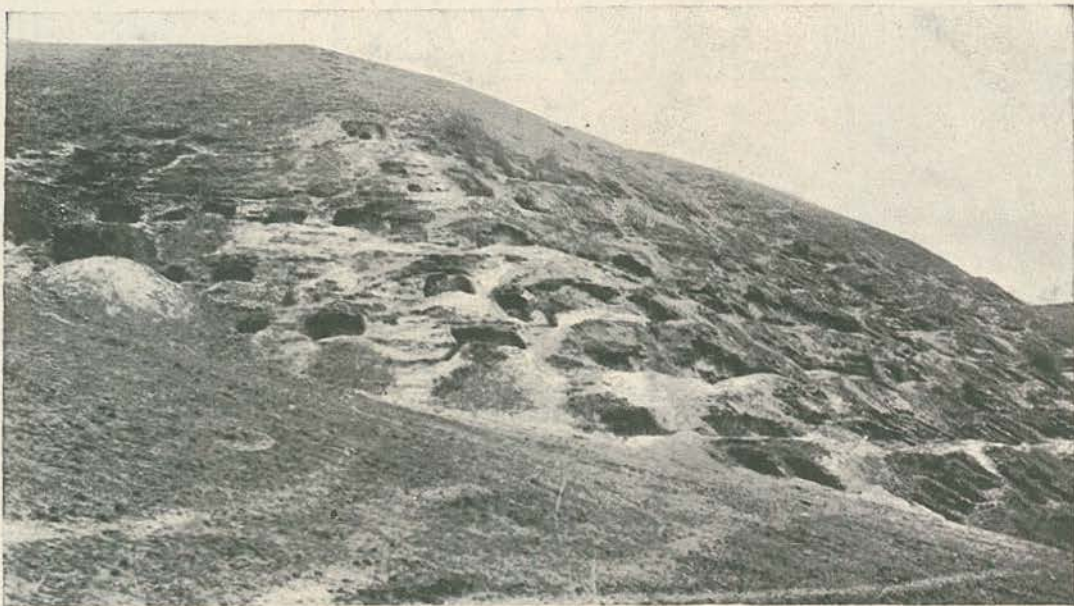
A GUERRA



Um 75 em posição de combate

Sem duvida, aqueles que pensavam que a artilharia ligeira seria bastante para obter a vitoria n'uma guerra moderna devem hoje penitenciar-se do seu erro. A artilharia de

grandes calibres é a arma da ofensiva. Mas ninguem ignora que o 75, excelente para as operações defensivas, conquistou na batalha do Marne os seus mais belos titulos de gloria.



OS CAMPOS DE BATALHA DO ORIENTE

A nossa gravura representa um pedaço de terreno abandonado pelos bulgaros na frente da Macedonia. Vêem-se ainda os abrigos, que diferem muito das trincheiras do Ocidente. E' a configuração do so-

lo que exige que assim sejam: verdadeiras tocas. De resto o tempo e os recursos faltaram ali aos bulgaros para fazerem uma mais confortavel instalação.

(«Clichés» da secção fotografica do exercito francez).



Feridos internados.—

A Suíça, com o seu ar benéfico, os seus belos recursos e o grande espirito hospitaleiro dos seus habitantes, tem salvo da morte muitos soldados gravemente feridos, que ali se internam por acordo entre os belligerantes. Alguns, porém, pelas complicações que sobrevem, a despeito de todos os cuidados, acabam ali os seus dias enviando o seu ultimo pensamento á patria e á familia.

Os clichés que publicamos, devido á gentileza de um illustre compatriota nosso e distinto fotografo amator, sr. P. de S. P., representam a chegada de um comboio com

feridos francezes e o funeral de um

soldado da mesma nacionalidade, que foi uma comovida manifestação de saudade prestada á memoria d'aquelle que soube morrer pela patria e pela causa da civilisação.





O interrogatorio d'um prisioneiro alemão

Hoje, os prisioneiros alemães não têm já a atitude arrogante d'outr'ora. Eles não esperam já que dentro d'algumas semanas os seus irmãos d'armas os vão gloriosamente libertar. Essa atitude arrogante tiveram-n'a antes do

Marne, antes do Yser, nos primeiros tempos da ofensiva de Verdun. Hoje, eles sabem que estão lutando pela «paz sem vitoria» tal como a preconisa o sr. Wilson. E uma tal luta não é de molde a entusiasmar ninguém.



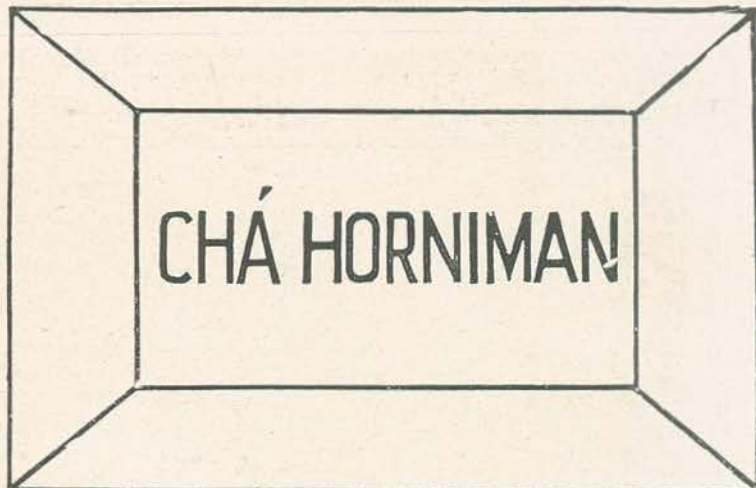
Um posto de telegrafia sem fios a caminho da frente da Macedonia

O contraste é curioso: pelos meios mais rudimentares de condução, atravez de caminhos não menos primitivos seguem os aparelhos d'uma das mais maravilhosas descobertas da ciencia moderna. E' facil de compreen-

der os inestimaveis serviços que a telegrafia sem fios presta na Macedonia onde as comunicações só se fazem por meios incertos e atravez de mil perigos.

(«Clichés» da secção fotografica do exercito francez).

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito efficazes contra a
ASTHMA
 Catarrho, Oppressão
 35 Anos de Bom Exit.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLATTIÈRE & Co.
 6, Rue Dombasle
 PARIS
 2 DOAS PHARMACIAS



CHÁ HORNIMAN

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CH ROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado, e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja—Lisboa. Consultas a 15000 réis, 28500 e 58000.

PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Estão a venda oomitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótimo efeito.

Preço 400 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicio respectivo

Administração d'O SEculo

RUA DO SEculo, 43
 LISBOA

Grande marca franceza

CRÈME SIMON
 PARA
 couserver ou dar
 ao rosto
**FRESCURA
 MACIEZA
 MOCIDADE.**

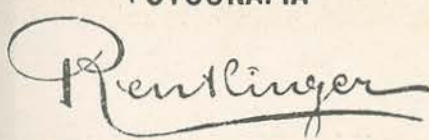
Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospha, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900
J. SIMON, 59, rue du faubourg **PARIS 10^e**
 Saint-Martin
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
 e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre

PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL:

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisação.....	995.400\$000
Total.....	1680.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianalis e Sobrelinho (Tonar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Vale-Vaior (Aldergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeccionados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — **Escritorios e depositos:** 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA.—49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO.—End. teleg. em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**. Numero telefonico: LISBOA, 605—PORTO, 117.

COLGATE'S RIBBON DENTAL CREAM



Pasta para dentes americana

A melhor e mais usada em todo o mundo

Contra 6 cent. em estampilhas será enviada
uma amostra pelos

AGENTES GERAES:

SOCIEDADE LUZO-AMERICANA

dos Estabelecimentos

Gaston, Williams & Wymore, L.^{da}

R. da Prata, 145

LISBOA Telephone: Central 4096



Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que também vendem
sabonetes, perfumes, loções, elixires dentífricos, crèmes, etc. d'esta acre-
ditada marca americana.